

A porta da Atamarma

MÁRIO CARDOSO

Associação de Defesa do Património Histórico-Cultural de Santarém

MARIA JOSÉ DE ALMEIDA

HENRIQUE CALÉ MENDES

Câmara Municipal de Santarém

Resumo

A porta de Atamarma era uma das portas do recinto muralhado de Santarém, cujas primeiras referências escritas datam do séc. XIV, mas que a tradição aponta como sendo o local por onde se fez a entrada das forças cristãs que conduziram à conquista da cidade em 1147.

Tendo sido demolida em 1865 por decisão camarária, foi erigido em 1919 um monumento evocativo no local (actual largo Mem Ramires), celebrando a memória da conquista de Santarém por D. Afonso Henriques. Em 1998, a execução do projecto de requalificação urbana deste largo, levado a cabo pela Câmara Municipal de Santarém, implicou a realização de uma intervenção arqueológica, de carácter preventivo, que veio a revelar importantes dados para a caracterização desta entrada e troço da muralha medieval da cidade.

O presente poster apresenta os resultados da intervenção arqueológica que identificou os alicerces da Porta da Atamarma, permitindo não só a sua localização exacta como a sua datação de época medieval islâmica. Os dados de natureza arqueológica são confrontados com as fontes escritas e iconográficas disponíveis sobre este monumento, caracterizando-se, do ponto de vista construtivo e funcional, a estrutura em causa, procurando-se fazer a sua leitura integrada na história da fortificação da cidade de Santarém e sua envolvente urbana.

Fontes e documentos

Quando a Câmara Municipal de Santarém, em sessão de 18-10-1839, decidiu “aforar o edifício profanado de N.^a Senhora da Victória, no arco da Atamarma” não se quis aperceber da tradição histórica ligada a essa grande massa de alvenaria, nem tão-pouco que ela constituía um anti-quíssimo marco no contexto das defesas santarenas.

Visava-se a Ermida, esquecia-se o arco da porta fortificada.

Fez-se então o balanço e concluiu-se que a decisão considerada mais conveniente para o trânsito local, para o regular funcionamento da calçada e para a

obtenção de pedra, seria a demolição da porta. A Câmara viria a despendar nesta demolição cerca de 39 000 réis, “resultando pedra e tijolo calculados em mais de 100 000 reis”¹.

Efectivamente, a Ermida estava degradada, em ruínas. Mas a muralha não. Assim, em Junho de 1865, era apeada a Ermida e simultaneamente a estrutura defensiva da grande porta designada da Atamarma.

Contra o que se pudesse esperar, a *Memória de Alcobaça*, que relata a conquista de Santarém em 1147, e que era coeva desse evento, não se refere a ela. As primeiras referências escritas datam do século XIV, relacionando-se a etimologia árabe do nome, com o vale da Mãe de Água (segundo David Lopes²),

Fig. 1. A porta de Atamarma (interior e exterior), segundo aguarelas de Mena



para onde confluíam as águas das vertentes das Figueiras e já não apenas as águas salobras ou amargas de certa fonte, conforme se chegou a considerar.

Não confere isto base sustentada para insistirmos apenas nas interpretações tradicionais.

A estrutura densa dessa porta, a sua mole pesada e extensa, o arco que as aguarelas de Mena (Biblioteca Municipal de Santarém) nos retratam, pouco tempo antes da sua demolição – observada das duas faces, interior e exterior –, dão nota da técnica construtiva anterior à feitura das muralhas fernandinas da mouraria. E igualmente uma noção clara das dimensões face aos demais elementos urbanos que a enquadram.

Mas a sua função no perímetro dos muros de Santarém obriga-nos a reformular a noção que dela temos, baseados nos poucos elementos documentais ou vestigiais que aqui referenciamos.

Que existia já ao tempo do nosso primeiro rei, di-lo a tradição. Que a construção da muralha da Mouraria veio apenas englobar mais a norte o bairro das Olarias, di-lo a documentação fernandina de 1375. Concomitantemente, a descrição das muralhas da vila, nas crónicas quatrocentistas (*Crónica dos sete primeiros reis de Portugal*, em especial), leva-nos a considerá-la inserida no trecho que mediava entre a torre de Alpram – onde se iniciavam as muralhas – e os muros pré-fernandinos que limitavam o burgo perto do declive onde se rasgou a rua 15 de Março. As torres dessas quadrelas ainda subsistiam no século XVI.

O que os documentos nos referem não é suficiente para estabelecermos uma data aproximada de edificação.

No processo de Reconquista, Santarém transitou várias vezes da posse de cristãos para a dos muçulmanos. Na última viragem, em poder dos almorávidas, sabe-se que o alcaide e condutor das obras de refortificação, levadas a cabo entre 1110 e 1144, foi Abu Zacaria ou Abzecri. Iniciadas pela alcáçova, como comprovava o estado provisório das suas defesas à data da conquista de 1147, prolongaram-se ao longo do perímetro muralhado, estando terminadas já depois do cerco de 1184, em 1189 para as muralhas ocidentais da vila, designadas por muralhas de Marvila.

Presume-se, portanto, ser dentro desse período de influência almorávida que foi levantada a quadrela onde se edificou a fortificação da porta da Atamarma. Ou tanto se daria, em período não distante, com a porta de Almedina, em Coimbra.

Resultados da intervenção arqueológica

No local onde se implantava a demolida porta de Atamarma (largo de Mem Ramires, freguesia de

Marvila), decorrem neste momento obras de reabilitação urbana. Trata-se de um projecto desenvolvido pela Divisão de Núcleos Históricos, concretizando uma das medidas propostas no Plano de Pormenor de Salvaguarda e Reabilitação da Mouraria, realizado em 1992-93, pelo então Gabinete Técnico Local de Santarém.

Esta obra, como todas as realizadas no centro histórico de Santarém, em que se prevejam perturbação do subsolo, e cujo licenciamento dependa da Câmara Municipal, foi sujeita a parecer prévio da equipa de arqueologia do Gabinete do Projecto Municipal de Santarém a Património Mundial. Embora os trabalhos previstos no arranjo do largo não colocassem à partida grandes riscos de destruição de património arqueológico (já que as intrusões a nível do subsolo se limitavam à implantação de redes de saneamento e drenagem, em valas pré-existentes), o facto de ter aí existido uma das portas da muralha medieval da cidade – a Porta de Atamarma – determinou a necessidade de realização de uma intervenção de carácter preventivos, cujo principal objectivo foi a salvaguarda de vestígios eventualmente ainda existentes no subsolo desta estrutura, o seu estudo e caracterização.

Assim, além do acompanhamento da abertura das valas para implantação de redes, foi realizada uma sondagem arqueológica na base do monumento construído em 1919, que assinala a memória da porta de Atamarma após a sua demolição. Neste momento, encontra-se marcado um traço a negro que, segundo a epígrafe nele inscrita, corresponderia ao eixo da porta. Contudo, com o decorrer da intervenção, verificou-se que a localização dos alicerces da porta de Atamarma não corresponde exactamente ao alinhamento definido pelo monumento, encontrando-se a estrutura um pouco mais a sul, ou seja, mais recuada em relação à calçada de Atamarma.

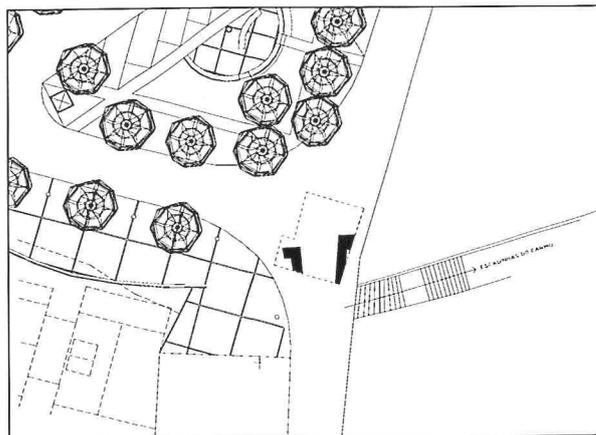


Fig. 2. Localização dos alicerces da porta de Atamarma identificados na sondagem arqueológica

Outra questão interessante prende-se com o alinhamento desta estrutura que, também ao contrário do que se podia supor, através do monumento, se orienta em função do vale e não do actual caminho. Significativamente, as perturbações do subsolo realizadas no nosso século, que foram identificadas na área de sondagem (valas de implantação de redes de electricidade, telefone e água), respeitam o alinhamento dos arruamentos actuais. O mesmo não acontece com estruturas similares mais antigas (nomeadamente um troço de caleira de esgoto, em alvenaria, onde foi recolhida uma moeda datada de 1645) que seguem o alinhamento dos alicerces da porta. Podemos, assim, pensar que houve uma alteração na orientação do caminho de acesso à cidade neste ponto, que, pelo menos até ao séc. XVI-XVII, se faria na direcção da linha mediana do vale, no seu troço junto à muralha.

Esta hipótese ganha alguma consistência também à luz de dados revelados pelo acompanhamento da obra em curso. Com efeito, terão havido grandes alterações à topografia do largo, com a deposição de entulhos em larga escala, provavelmente com a intenção de regularizar o declive existente na pendente do vale. Este fenómeno, a que a desagregação das barreiras não é com certeza alheia, foi identificado também noutros pontos da cidade. A ideia de que o planalto de Santarém é obra da acção humana foi desenvolvida no âmbito dos trabalhos de preparação da candidatura de Santarém a Património Mundial³ e encontra confirmação com a análise conjunta dos resultados das intervenções arqueológicas e acompanhamentos de obra que a Câmara Municipal vem conduzindo desde 1992. Estas alterações à topografia da cidade, genericamente datadas do séc. XIX, mas cujo início poderá recuar ao séc. XVII, terão assim determinado a alteração dos caminhos de acesso ao planalto, sendo a orientação da porta de Atamarma reflexo desse fenómeno.

Na área concreta onde foi realizada a sondagem arqueológica, a acumulação de níveis de entulho não é muito significativa, ao contrário do que acontece nas áreas mais a norte do largo, onde colectores de esgoto da antiga rede de saneamento de Santarém se encontram a mais de quatro metros de profundidade em relação ao pavimento actual. Os alicerces da porta de Atamarma foram encontrados imediatamente após a remoção do pavimento de alcatrão, que em alguns pontos assentava directamente sobre eles. Tratam-se de elementos com uma sólida construção, bem conservada, o que confirma a indicação que temos, através das fontes escritas, que a muralha não se encontrava em estado de degradação à época da sua demolição.

Associada à porta de Atamarma foi identificada uma calçada de pedras, de dimensão média-grande,

cujas construção será contemporânea à da porta. Este pavimento apresenta a particularidade de englobar uma vala de drenagem junto do cunhal Este da porta. Trata-se de uma vala de secção rectangular, com cerca de 50 cm de largura e 20 cm de profundidade média, que suportaria a passagem de um caudal de água significativo. Certamente destinada à drenagem de águas pluviais, poderá estar também associada à “mãe de água” que o topónimo sugere⁴.



Fig. 3. Aspecto dos trabalhos de escavação

Sabemos que, no séc. XVII, esta calçada se encontrava soterrada, já que o esgoto atrás referido (naturalmente subterrâneo) assenta sobre ela, tendo sido reconhecidos outros níveis de pavimento que se sobrepõem à calçada. Este facto é particularmente relevante, porque o estudo dos materiais arqueológicos encontrados nos estratos que cobrem a calçada permitem-nos datar o abandono da sua utilização. A análise das formas cerâmicas encontradas indica que este pavimento terá deixado de estar em uso entre o séc. XI e o séc. XII, verificando-se a presença de recipientes típicos do período islâmico tardio. Alguns dos recipientes identificados poderão ser do séc. X, sendo significativo que no enchimento da vala de drenagem tenham sido recolhidos exclusivamente fragmentos de cerâmica cujo repertório de formas é datado do séc. X-XI. Tendo em conta estes dados, podemos afirmar, assim, com segurança, que a construção da porta de Atamarma é de época islâmica, existindo, sem dúvida, à data em que a cidade foi conquistada definitivamente pelo poder cristão, em 1147.

A porta de Atamarma na história da cidade de Santarém

De acordo com a análise da informação disponível sobre a porta de Atamarma, agora complementada pelos dados revelados pela intervenção arqueológica que recentemente teve lugar, podemos afirmar que

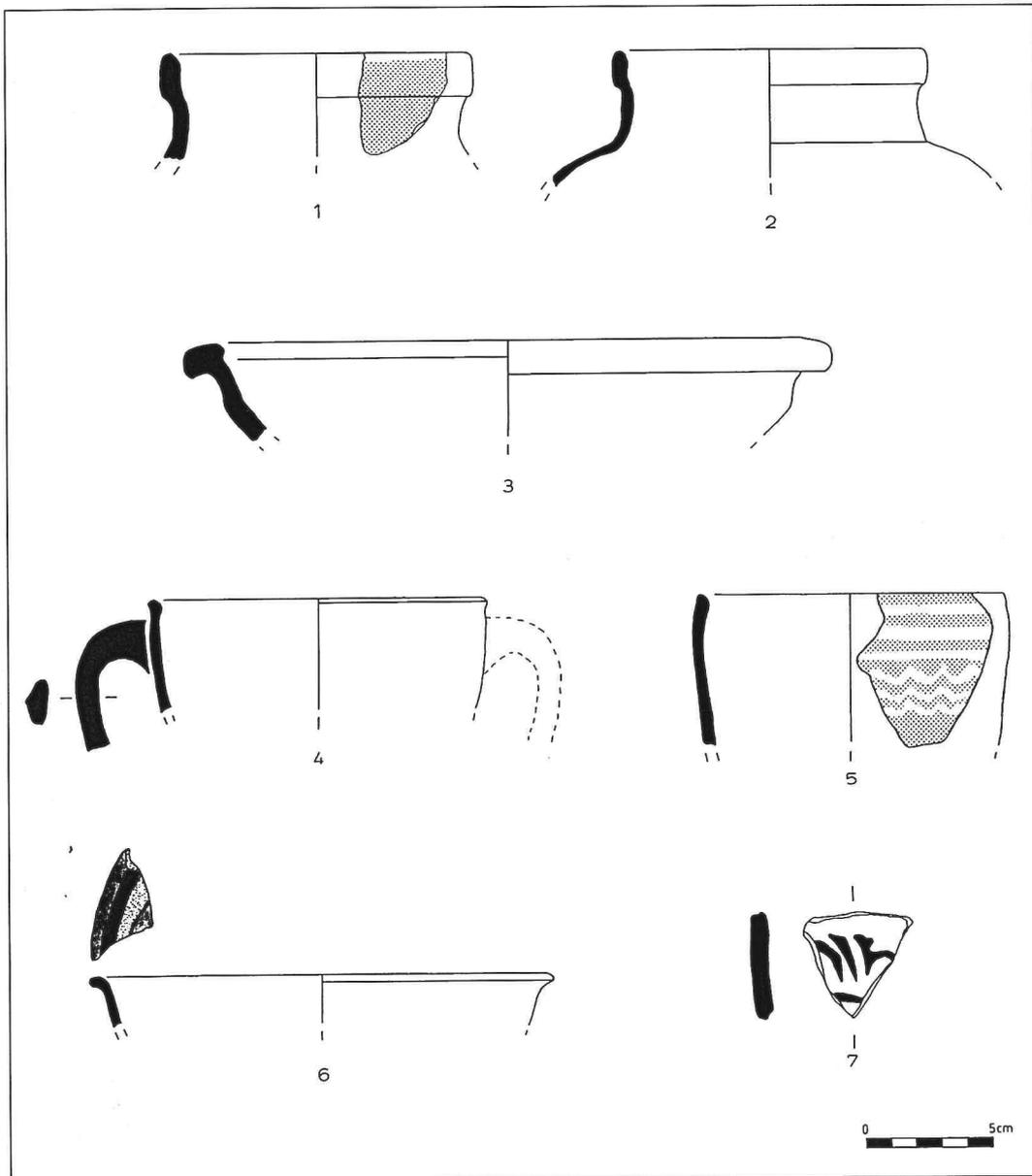


Fig. 4. Algumas peças de cerâmica de época islâmica encontradas no decurso da intervenção

- | | |
|---|---|
| 1. Panela com decoração pintada a branco
(S.PATM.30.5) | 5. Jarrinha com decoração pintada a branco
(S.PATM.9.23) |
| 2. Panela (S.PATM.28.16) | 6. Taça com decoração tipo "corda-seca total"
(S.PATM.30.8) |
| 3. Frigideira (S.PATM.7.29) | 7. Fragmento de vidro do tipo melado com
decoração a óxido de manganês
(S.PATM.30.12) |
| 4. Jarrinha (S.PATM.28.18) | |

esta estrutura se encontrava integrada no sistema defensivo de Santarém anterior à conquista cristã da cidade, em 1147. A cronologia apontada para os materiais arqueológicos recolhidos nos níveis de abandono da calçada, associada aos alicerces da porta, parece ser coerente com a hipótese levantada a partir da interpretação das fontes escritas, de que a porta de Atamarma faria parte do plano de refortificação almorávida da cidade, levado a cabo por Abzecri.

Podemos ter alguma ideia relativa à volumetria da edificação militar, recorrendo à aguarela de Mena atrás referida, bem como a alguns elementos postos a descoberto aquando da sondagem arqueológica efectuada e que permitem identificar com alguma segurança a largura do arco da porta.

O arco de volta inteira assentava em duas fortes paredes de alvenaria densa e tinha a largura de três metros e meio. Poderia não ser esta a forma característica inicial, em virtude da expressão da gravura atrás reproduzida, que nos apresenta pelo menos um dos arcos (o do postigo) com a forma de arco ultrapassado. A porta estava orientada segundo a linha mediana do vale, a Norte, orientação essa que reflectiria a orientação do troço final do caminho de acesso ao recinto amuralhado. O conjunto demolido teria uma altura total de cerca de 13 metros. A diferença que se verifica entre esse caminho antigo e a actual calçada de Atamarma reflecte, sem dúvida, as fortes alterações que a topografia da cidade sofreu ao longo dos tempos, devido às características da plataforma de calcário sobre a qual se ergue a cidade e à acção humana que, pelo menos desde o século XVIII, procurou continuamente “construir” o planalto de Santarém, adequando-o às exigências de quem nele habita.

Outra questão interessante que não podemos deixar de referir quando se fala da porta de Atamarma são as diferentes atitudes que, desde 1865, a Câmara Municipal de Santarém teve em relação ao património monumental da cidade.

As razões que, em meados do século XIX, ditaram a decisão de demolição desta estrutura pertencente ao perímetro muralhado da cidade são de natureza económica. A leitura das actas da Câmara deixa deprender que, ao contrário do que posteriormente se afirmou, a muralha não ameaçava ruína; no entanto, era um obstáculo à circulação e à regulação do tráfego na calçada. Por outro lado, a sua demolição resultou num volume considerável de pedra disponível para construção, bem fundamental numa cidade que se pretendia renovada e moderna.

Já neste século, a construção do monumento evocativo, em 1919, denota uma preocupação com o registo e a memória do património histórico, não isenta de um certo pendor nacionalista. O texto epi-

grafado no monumento não só procura justificar a demolição levada a cabo anteriormente, como associa claramente a porta de Atamarma à entrada de Afonso Henriques na cidade, em 1147, hipótese levantada tradicionalmente sem comprovação documental. Os dados revelados recentemente através dos trabalhos arqueológicos no local mostram-nos que a implantação da coluna e do alinhamento marcado no paramento da sua base foram determinados em função da envolvente urbana da época e não especificamente no respeito dos vestígios existentes. Os restos da porta de Atamarma estariam de qualquer forma escondidos por edificações que encostavam à antiga muralha e das quais foram encontrados testemunhos na área de sondagem arqueológica. Mais do que a salvaguarda da porta, o importante era a evocação da memória da sua existência e do significado histórico que a ela podia ser associado.

Passados quase cem anos, a Autarquia volta a preocupar-se com este espaço, numa perspectiva de valorização urbana do Largo de Mem Ramires. Os trabalhos arqueológicos realizados são de carácter preventivo, em sequência da execução do projecto, ou seja, procura-se minimizar quaisquer impactes negativos que as obras a realizar tenham sobre o património existente no subsolo. A escavação arqueológica realizada permitiu não só localizar com exactidão a demolida porta de Atamarma, como aceder a informação relevante para a caracterização desta estrutura e do seu espaço envolvente, ao longo do tempo. O principal objectivo desta intervenção, como de todas levadas a cabo no centro histórico, é contribuir para um melhor conhecimento da história da cidade, nos diferentes momentos da sua longa ocupação até aos nossos dias.

A actual opção relativa à valorização destes testemunhos arqueológicos passa por um duplo respeito do património e das funcionalidades urbanas deste espaço. Encontrando-se os alicerces da porta num importante ponto de acesso ao centro histórico, a necessidade de garantir a fluência da circulação pedonal e automóvel tornaria difícil qualquer solução de musealização das estruturas arqueológicas postas a descoberto. Assim, os restos da porta de Atamarma vão manter-se soterrados (uma das melhores formas de garantir a sua conservação), marcando-se à superfície, na calçada, a negro o desenho dos mesmos. Junto da base do monumento edificado no princípio de século será colocada uma placa cujo texto dá conhecimento da realização da intervenção arqueológica realizada em 1998 e do significado do desenho do pavimento nesse local.

NOTAS

¹ *Actas da CMS* (sessão de 21/05/1862).

² David Lopes – *Nomes árabes de terras portuguesas*. Lisboa: Sociedade de Língua Portuguesa e Círculo David Lopes, 1958. Publicação comemorativa do centenário de David Lopes.

³ Câmara Municipal de Santarém – *Santarém Cidade do*

Mundo. Santarém: CMS, 1996: vol. I, pp. 37-40.

⁴ Cf. nota 2; para J. Pedro Machado, “Atamarma” vem do árabe *Tala’ã* [calçada, subida] + *ma (a)l-ma* [mãe de água], ou seja “calçada da mãe de água” (*Dicionário onomástico e etimológico da Língua portuguesa*. Editorial Confluência).